



A Complexificação do Social e as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação¹

Mario Cesar Pereira Oliveira²
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O presente artigo problematiza o processo de complexificação do objeto de estudo da sociologia e suas consequências para as teorias sociais a partir da importância fundamental da comunicação e do simbolismo na formação da diversidade de identidades culturais. Analisa como um dos fenômenos relacionados a heterogeneização e ao multiculturalismo, as transformações tecnológicas dos meios de comunicação de massa que instauraram um forte estado contingência cultural.

Palavras-chave: complexificação; teorias; sociedade; novas tecnologias da informação e da comunicação.

1 INTRODUÇÃO

No âmbito das teorias sociais, o fim das grandes teorias é uma pauta que continuamente reatualiza a reivindicação do término grandes escolas sociológicas rígidas, em especial desde meados da década de 70. As teorias sociais, desde então, vem procurando seu novo lugar em um contexto posterior as críticas pós-modernas terem retirado, em parte, a aura e o status científico dos antigos paradigmas sociológicos. No último período, começam a ressurgir abordagens, de modo geral, descentralizadas, mas que ainda se mantêm em algum grau, ancoradas em uma tradição, cujas referências aos clássicos ainda são consideradas, mesmo que parcialmente.

O impasse trazido pelas críticas não foi resolvido pela produção teórica pós-modernas e suas tensões não se harmonizaram. Refletindo sobre o que seria a atual situação das ciências sociais, Wieviorka (2007) destaca que o atual estágio de maturidade se encontra entre a aspiração a grandes generalizações e os relatos e abordagens muito específicos que perdem de vista o geral, se procura delinear um estágio de maturidade pós-fragmentação dos paradigmas em que um meio termo entre as perspectivas generalizantes e a dispersão especificista precisaria se formar

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Doutorando do Curso de Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Professor do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Sergipe. email: mariocesar@infonet.com.br



No âmbito teórico é sobre esse contexto da transformação da sociologia das meganarrativas para as abordagens especificistas que este artigo intenta lançar o olhar, no entanto, pretende-se seguir outro caminho, pautando esse processo de dispersão teórica em analogia com o processo de dispersão cultural que foi potencializado pelas novas tecnologias da informação e da comunicação e as reverberações das novas relações simbólicas de mídias descentralizadas e interativas no social e nos seus teóricos.

Não é possível separar a ciência do objeto que ela estuda, e a sociedade, objeto por excelência da sociologia, tem passado por drásticas transformações nos últimos períodos, cuja ciência e seus cânones não saíram ilesos. As grandes sínteses teóricas capazes de colocar em contato o micro e o macro constituídas a partir de referências as tradições teóricas clássicas cederam lugar a abordagens cada vez mais microscópicas, com um escopo muito menos ambicioso do que os recortes do passado. No entanto, mesmo no meio de toda essa dispersão há alguma homogeneidade no crescente reconhecimento da importância da esfera comunicativa e dos novos arranjos sociais possibilitados pelas novas tecnologias da informação e da comunicação.

É sintomático, na teoria social, a crescente importância dada a esfera da comunicação interpessoal e/ou midiática, ao âmbito do simbólico, às identidades, representações sociais e aos meios de comunicação de massa. Habermas (1999) pauta a centralidade da ação comunicativa na esfera simbólica, do mundo da vida, como o elemento de emancipação em sua teoria crítica. Luhman (2009) diminui a importância do sujeito e destaca o papel da comunicação como sistema, pautando a centralidade da comunicação como elemento programador de toda a vida social. A comunicação midiática, em especial, a internet e as novas redes sociais são colocados como elementos capazes de contribuir na explicação do atual contexto dispersivo, mas não como polo homogeneizador da sociedade, tal como pautada nos estudos célebres das primeiras gerações de Frankfurt. Apesar de todas as previsões de seus estudiosos, a comunicação massiva não nos legou um contexto determinado pela homogeneização cultural.

A nova revolução tecnológica midiática, a informática e a internet possibilitaram um rearranjo social em larga escala como nos demonstra Castells (1999) e sua proposição de que viveríamos em um “era da informação” ou em uma “sociedade de rede”, dentre muitas outras denominações que, independente de filiação, revelam a importância da comunicação midiática nos novos arranjos sociais. As novas mídias



executam um processo de desterritorialização, de dispersão das identidades, revelando um universo tão complexo, com tantos links e contatos culturais inesperados que, de fato, se tornaria extremamente difícil mapeá-lo de forma unificadora, é esta hipótese que se pretende esmiuçar aqui.

Pretende-se, por fim, nesse artigo abordar sobre a vertente da complexificação do social como um paralelo que reafirma a complexificação de suas teorias. A diversificação e multiplicação de teorias é de um lado, como tentaremos mostrar, muitas vezes, uma questão filosófica pautada na compreensão dos limites da linguagem e da impossibilidade de verdades absolutas, mas também, não podemos perder de vista, esse relativismo científico só pôde reverberar e tomar a atual proporção dentro de um contexto social demarcado pela complexificação do próprio social.

O encontro de culturas, que permitiu o desenvolvimento do próprio relativismo antropológico – mesmo que nem todo antropólogo tenha apresentado essa postura, ou que nem todo encontro entre culturas gere o relativismo –, se desenvolve atualmente em esfera global em um contexto de diversidade cultural influenciado pelas novas tecnologias informação e da comunicação. Assim, a relativização das identidades coincide com a oferta de acesso e disseminação de informações pluri-identitárias e das discussões sobre diversidade que se colocam de forma mais contundente frente à diluição de identidades mais amplas e rígidas.

Propõe-se fazer alguns apontamentos sobre essa dupla mudança inseparável, da sociedade e da teoria, a partir da hipótese de uma complexificação das relações sociais que ressoa nas novas teorias e análises sociológicas, na interligação com o desenvolvimento de novas tecnologias informacionais que instauram novas formas cognitivas e interacionais, reordenando a disseminação de informações de uma forma mais horizontal e participativa ampliando a possibilidade da diversidade, diluindo identidades culturais de grupos e fortalecendo um cenário de complexidade social e forte contingência cultural.

A CENTRALIDADE DA COMUNICAÇÃO E AS NOVAS MÍDIAS

Em primeiro lugar, convém dizer que Niklas Luhmann é o sociólogo que elegeu a comunicação como o operador central de todos os sistemas sociais. Como mecanismo de auto-regulação dos sistemas, com base nela cada sistema observa-se a si mesmo como aos outros. Além disso, ela é um dispositivo cibernético destinado a normalizar as relações entre sistema e meio externo circundante. (MARCONDES apud LUHMANN, 2005, p. 7).

É o que atesta Ciro Marcondes Filho no prefácio da obra *A realidade dos meios de Comunicação* de Niklas Luhman, destacando, porém, que mesmo frente a esse peso dado a comunicação, ela é para Luhmann improvável, há uma distância maior entre o comunicar e o entender, já que cada indivíduo é um sistema autopoietico fechado. Comunicar para Luhman não é transferir, mas sim, multiplicar, a comunicação não estaria calcada na hermenêutica, mas sim na seletividade, no elo de ligação entre enunciados que optam entre continuar ou suspender a conversa.

Para entender a proposta de Luhmann da comunicação como um sistema autopoietico no sentido de criar as formas de socialização, de se constituir nos códigos básicos da programação do mundo social, dentro dos quais os indivíduos tomam decisões, se faz necessário refletir sobre um sistema móvel, operativo e autopoietico numa perspectiva funcionalista, mas que não tende ao estatismo funcionalista, formando um equilíbrio dinâmico. Pensando sobre a imitação e a diferença é que Niklas Lhuman chega a conclusão da importância da comunicação, já que a ação em si nem sempre se efetiva em socialização, as ações podem ser solitárias, não afetarem a mais ninguém a não ser o seu realizador, mas a comunicação só se efetiva ampliando do indivíduo para o outro ou para grupos, independente do grau de compreensão, mesmo que a comunicação leve a diferenciação, ela sempre tem teor social. Segundo Luhman:

A comunicação é uma operação genuinamente social (e a única, enquanto tal), porque pressupõe o concurso de um grande número de sistemas de consciência, mas que, exatamente por isso, como unidade, ela não pode ser atribuída a nenhuma consciência isolada. E ela é social, porque de modo algum pode ser produzida uma consciência comum coletiva, isto é, não se pode chegar ao consenso, no sentido de um acordo total; e, no entanto, a comunicação funciona (LUHMAN, 2009, p. 91).

HABERMAS (1999) também traz para o centro de sua reflexão a discussão sobre a comunicação, em especial ao separar o Sistema do Mundo da Vida, este, o universo simbólico comunicacional, por excelência. Sua teoria é pautada pela lógica do consenso e sua teoria se insere na perspectiva de uma teoria crítica, dentro da perspectiva do ideal liberal e tem meta emancipadora, que nesse sentido busca entender como é possível criar condições ideais de fala para efetivar a construção através do debate que leve a resultados e conclusões racionais. Habermas separa em paralelo o sistema (a razão instrumental) e o mundo da vida (a razão comunicativa):



Toda teoría de la sociedad que se reduzca a teoría de la comunicación esta sujeta a limitaciones que es menester tener muy presentes. La concepción de la sociedad como mundo de la vida, que es la que más obvia resulta desde la perspectiva conceptual de la acción orientada al entendimiento, sólo tiene un alcance limitado para la teoría de la sociedad. Por eso voy a proponer que entendamos las sociedades simultáneamente como sistema y mundo de la vida. Esse concepto dual de sociedade se acredita en una teoría de la evolución social, que distingue entre racionalización del mundo de la vida y aumento de complejidad de los sistemas sociales, con la finalidad de captar debidamente, es decir, de hacer accesible a un análisis empírico la conexión que Durkheim tiene a la vista entre formas de integración social y etapas de diferenciación sistémica. En analogía con el concepto lukacsiano de forma de objetividad desarrollaré un concepto de forma de entendimiento que nos permitirá recobrar la problemática de la cosificación, planteándola ahora en términos de teoría de la comunicación (HABERMAS, 1999, p. 169-70)

Habermas tenta não criticar a racionalidade instrumental, mas limitá-la ao enfatizar uma dupla racionalidade, na qual destaca a racionalidade comunicativa. A razão instrumental demarca o universo do trabalho, pelo êxito, ela se refere os meios para os fins, através dos quais a sociedade se reproduz materialmente. A racionalidade da ação comunicativa não se relaciona com o intuito de manipular objetos e pessoas para a reprodução material, procura o entendimento que permite a reprodução simbólica da sociedade. Daí a distinção entre dois níveis distintos, o “sistema”, pautado pela racionalidade instrumental, e o “mundo da vida” da racionalidade comunicativa permite trazer a luz a importância da comunicação nas relações sociais. As formas como as visões de mundo, os comportamentos culturais se perpetuam através da reprodução cultural/simbólica de forma seriam, para Habermas, independentes da reprodução material. Somente no “mundo da vida”, é que a emancipação do projeto moderno e crítico ainda seria possível.

Honneth (2003) através de sua teoria do reconhecimento recoloca o conflito no cerne da pesquisa social, ao que Habermas e sua teoria do consenso haviam retirado. Queremos destacar a importância de Honneth em demonstrar que o conflito é pautado por processos de interação social no âmbito do simbolismo comunicacional. Ao colocar a luta pelo reconhecimento, Honneth dá ênfase ao universo simbólico como motivador desses conflitos, e assim, mesmo situações pautadas supostamente por lutas materiais e mais concretas, têm motivos simbólicos acoplados como impulsionadores. Os movimentos sociais pautam seu reconhecimento na esfera pública, dentro de um cenário de diversidade de identidades específicas, que recolocam, inclusive, os direitos em uma perspectiva individual. Em sua obra, Honneth volta sua atenção aos conflitos sociais,



entendidos como motor de transformação e desenvolvimento da sociedade. Para dar cabo a esse empreendimento ele propõe uma categoria central que consiga unificar uma visão ampla sobre toda a diversidade de conflitos sociais existentes, o que ele encontra na ideia da luta por reconhecimento. Segundo Honneth:

Contudo, a fraqueza desse suporte prático da moral no interior da realidade social se mostra no fato de que a injustiça do desrespeito não tem de se revelar inevitavelmente nessas reações afetivas, senão que apenas o pode: saber empiricamente se o potencial cognitivo, inerente aos sentimentos da vergonha social e da vexação, se torna uma convicção política e moral depende sobretudo de como está constituído o entorno político e cultural dos sujeitos atingidos – somente quando o meio de articulação de um movimento social está disponível é que a experiência de desrespeito pode tornar-se uma fonte de motivação para ações de resistência política. No entanto, só uma análise que procura explicar as lutas sociais a partir da dinâmica das experiências morais instrui acerca da lógica que segue o surgimento desses movimentos coletivos (HONNETH, 2003, p. 224).

Honneth foge da noção tradicional sociológica de conflito como luta pelo poder ou autoconservação, e revela nos conflitos os motivos oriundos de ataques identitários, de desrespeito social sempre no intuito de restabelecer ou até mesmo desenvolver relações de reconhecimento mútuo. No lugar do suposto interesse psico-biológico de autopreservação humana, Honneth nos relata os duelos até a morte que eram travados em nome de honra, elemento simbólico por excelência, mas que nessas situações importava mais para os sujeitos sociais do que a própria vida. O autor volta sua atenção ao processo de como se constituem as identidades práticas dos indivíduos que balizam suas relações e os múltiplos níveis de reconhecimento. Reforçando o caráter simbólico na análise dos conflitos sociais, Honneth demonstra e remonta a importância do simbolismo como impulsionador desses conflitos.

O destaque dado a esses autores se dá no fato de que suas teorias apontam para a centralidade da comunicação e do simbolismo na teoria social. A comunicação e o universo simbólico sempre tiveram, desde as origens até as teorias contemporâneas papel relevante nas teorias sociais. Entre os clássicos, Durkheim deu atenção especial ao simbolismo; Marx forjou o conceito de ideologia para abarcar a forma como as mais diversas esferas do simbólico influenciavam a visão que as pessoas desenvolviam do mundo; e Weber dedica sua obra mais famosa a forte influência da moral religiosa, do simbolismo, na economia. Os exemplos da importância do comunicativo/simbólico poderiam continuar por muito tempo, desde a filosofia grega o estudo da comunicação



foi privilegiado, passando pela preocupação com a retórica dos sofistas, até os importantes tratados aristotélicos sobre a linguagem. A linguagem é muitas vezes tratada como o próprio elemento definidor da humanidade.

A partir da invenção dos meios de comunicação massivos, a comunicação tomou novas proporções e estabeleceu novos tipos de relações sociais. Os meios de comunicação de massa potencializaram a função comunicativa e lhes deram novas facetas de acordo com as transformações tecnológicas e seus usos. Uma comunidade humana marcada pelo hábito de assistir a mesma programação televisiva diariamente, possui um escopo de variações cultural menor do que a comunidade desterritorial da internet, em que cada ponto além de receptor é potencialmente emissor e cuja programação é pautada pelo interesse individual. Uma maior contingência cultural se afirma nesse novo contexto, em que as culturas se hibridizam a partir de agenciamentos de grupos cada vez menores e heterogêneos, além de também ser colocada em evidência a própria perspectiva dos interesses individuais e sua potencialidade de influência no social, quando seus meios de expressão são potencializados por essas ferramentas comunicativas.

Ao substituir a comunicação interpessoal, em primeira instância, os meios de comunicação de massa, criaram a comunicação em larga escala, com caráter homogeneizador, comunicar em larga escala, a princípio, não significou colocar amplos contingentes populacionais desterritorializados para dialogar entre si, mas pelo contrário, colocar um emissor para o maior número possível de receptores, criando líderes e valores sociais conhecidos por muitos, aspirando a uma homogeneização social. Uma nova revolução tecnológica fez a roda girar novamente e as tecnologias da informação e da comunicação, em especial, com o desenvolvimento da informática e da internet cortaram esse caráter passivo, de receptor. A promessa de comunicação em larga escala se efetivou, nessas novas mídias muitos se comunicam com muitos, voltando a ter um caráter similar, em parte, ao interpessoal, só que mediado por essas tecnologias, a comunicação midiática passou a ser o potencializador de um amplo processo de heterogeneização social.

A escola de Frankfurt desenvolveu toda uma tradição no debate da comunicação que reverbera até hoje na importância que autores como Habermas (1999) e Honneth (2003) dão ao universo simbólico da existência social humana. A comunicação social nos clássicos já era levada em conta no século XIX, e veio a se tornar ainda mais importantes no século XX, especialmente porque nesta época as novas formas



comunicativas diferenciaram drasticamente a organização social oriunda desse cenário das comunidades pré-midiáticas. Atingimos outro divisor de águas com as novas tecnologias. Se as antigas tecnologias privilegiavam uma ótica moderna unificadora de valores, as novas tecnologias incentivam a heterogeneização.

A comunicação massiva centralizada servia para disseminar valores culturais unitários, homogêneos, a comunicação midiática e massiva reforçava os modelos fechados das grandes narrativas, os sistemas fechados e as estruturas mais rígidas dos clássicos se aplicavam melhor nesse antigo contexto social. A nova sociedade, pautada pelas redes sociais, pela comunicação múltipla sem mediador, desterritorializada culturalmente, na qual as diversas culturas migram em múltiplas direções não permite o encaixe dessas teorias generalizantes e imóveis e facilitam a aplicação de leituras particulares especificizantes.

O território, a época, a relação tempo-espaço sempre foram fundamentais para a sociologia, como coloca Anthony Giddens (2003) em *A constituição da sociedade*. O contexto atual, no entanto, não permite mais contar com a rigidez da determinação territorial ou temporal, já que o indivíduo pode aprender pela internet outros hábitos de outros lugares e épocas, assistir filmes de outros países e períodos, ouvir música em diferentes línguas, o arco de influência a seus comportamentos é mais amplo e diversificado. Os saberes, qualquer tipo de informação, são programadores do social e hoje se difundem com menos barreiras. As antigas instituições sociais, a escola, a religião, a educação que sempre exerceram ampla influência na mídia homogênea, hoje disputam com as infinitas possíveis combinações culturais que os indivíduos podem realizar no ciberespaço.

O PERCURSSO DA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA NA RELAÇÃO COM O SOCIAL

A transformação na esfera midiática teria exercido nas sociedades modernas um recorte equivalente ao que foi feito das sociedades arcaicas para as modernas, um novo processo de complexificação se iniciou no âmbito das identidades, gerando um novo contexto definido por muitos como pós-moderno ou como uma nova etapa da modernidade. A teoria social enfrenta uma crise na perspectiva de encontrar novas metodologias que se apliquem a esse novo e transformado objeto de estudo. O que está em jogo é o crescimento ininterrupto da complexidade na era da informação, passando



por processos que tiram o solo firme das antigas teorias sociológicas, que mesmo que ainda possuam validade para ajudar a compreender processos sociais, não podem ser utilizadas sem suas devidas adaptações.

A ideia de desterritorialização nos revela um processo fundamental nessa compreensão, e está ligada a uma transição de uma mídia centralizada para uma mídia descentralizada. Estudar a sociedade forjada pela Tv é bastante cômodo enquanto objeto social para a sociologia, essa forma de sociedade mais rígida, pautada por uma coesão social mais forte é mais confortável aos grandes modelos sociológicos clássicos. Assim a sociedade da Tv e do Rádio mais homogênea seria marcada por alguma forma de tradicionalidade, teria um caráter quase arcaico devido a sua forte coesão se comparada a sociedade contemporânea, em analogia ao que foi a sociedade arcaica para a moderna, a sociedade que muitos denominam de pós-moderna é assim entendida porque se coloca em novos termos de complexidade do social.

Castells nos permite construir uma síntese desse processo das revoluções no âmbito das comunicações e de sua influência no social, o autor destaca que por volta de 700 a.c, a invenção do alfabeto foi fundamental no desenvolvimento da filosofia ocidental. Segundo o autor, o alfabeto: “Tornou possível o preenchimento da lacuna entre o discurso oral e o escrito, com isso separando o que é falado de quem fala e possibilitando o discurso conceitual” (Castells, 1999, p. 413). Mesmo que o alfabeto só tenha se difundido muitos séculos depois quando Gutenberg inventou a imprensa, ele teria tido um papel determinante na forma como o conhecimento pode se acumular e forjando uma comunicação pautada pelo conhecimento.

A galáxia de Gutenberg, demarcada pela invenção da imprensa em 1455, instaurou um período que legou grande importância a comunicação escrita e pode ter potencializado de alguma forma o acúmulo do saber e um maior registro e difusão dos saberes, mas não sem alguns prejuízos. A cultura pautada pela difusão escrita pela imprensa acabou legando papel secundário às imagens audiovisuais, deixando a expressão simbólica através de sons e imagens restrita ao campo das artes. Continua Gutenberg:

Sem dúvida, a cultura audiovisual teve sua revanche histórica no século XX, em primeiro com o filme e o rádio, depois com a televisão, superando a influência da comunicação escrita nos corações e almas da maioria das pessoas. Na verdade, essa tensão entre a nobre comunicação alfabética e a comunicação sensorial não-meditativa determina a frustração dos intelectuais com relação a influência da



televisão, que ainda domina a crítica social da comunicação de massa (CASTELLS, 1999, p. 413).

A televisão e o rádio exerceram um impacto sem precedentes em escala global na cultura e nos modos de vida das populações que atingiram. Ao contrário da escrita e da imprensa, o rádio e a televisão com suas imagens audiovisuais se tornaram extremamente populares, massivos e atingiram gigantescos contingentes populacionais disseminando a mesma informação, transmitindo uma homogeneidade cultural. Mesmo que, hoje, os estudos de mediação e recepção cultural demonstrem que as populações atingidas não sofreram uma completa homogeneização, devido aos diferentes modos de interpretar e negociar os significados, resignificando-os a partir dos contextos e interesses dos espectadores, é inegável o caráter homogeneizador no processo de emissão desses mecanismos de transmissão de informação unificada em larguíssima escala.

Castells (1999) é enfático ao afirmar passamos por um momento em que as formas culturais estão se reorganizando a partir de um novo paradigma tecnológico que modifica a forma como nos comunicamos em um grau ainda muito maior do que a era da televisão e do rádio, da sociedade de massa. Esse novo sistema comunicativo modifica completamente o paradigma comunicativo da era anterior, mesmo que ainda mantenha como bases, as imagens audiovisuais e o alcance global, ele transforma inteiramente a forma como as informações são transmitidas, não mais transmitidas por um único emissor para uma gigantesca massa receptora, agora em um sistema comunicativo em que cada ponto é ao mesmo tempo emissor e receptor e que cada ponto pode se ligar livremente com qualquer outro sem mediações. Além de trazer as imagens e sons, em uma perspectiva multimídia capaz de absorver todas as formas e suportes informacionais anteriores, ela também abarca igualmente a escrita e a oralidade, colocando em uma mesma esfera as linguagens artísticas, o senso comum, a informações científicas, etc. Castells conclui que:

A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação. E a comunicação, decididamente, molda a cultura porque, como afirma Postman “nós não vemos ... a realidade... como ela é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura”. Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto



é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo (CASTELLS, 1999, 414).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias sociais são indissociáveis de seus objetos, é importante enfatizar a opção pelo plural dessa assertiva, as teorias se diversificaram e a sociedade, antes tida como portadora de alto grau de homogeneidade e pautada muitas vezes por grandes sistemas teóricos englobantes se divide nas novas teorias em micro sociedades, em micro objetos frutos dos mais múltiplos e variados recortes de pesquisa. Esses novos e diversos objetos de pesquisa do social não são mais entendidos como acessíveis a partir de um método rígido e imutável. Mesmo os próprios métodos, também plurais se transformam na relação com seus novos objetos.

A empiria das micronarrativas reaproximou esses discursos do objeto do social, já que os antigos grandes esquemas demonstraram suas falhas ao serem confrontados com essa dispersão do social. As teorias pós-modernas frente a esse objeto heterogêneo foram capazes de revelar as contradições dos grandes modelos teóricos ao confrontá-los com objetos verificáveis, específicos, abordando a dispersão heterogênea através do recurso da especificidade, com recortes empíricos e palpáveis, nesse sentido, sem aspirar a generalizações tão difíceis nesse novo disperso e mutável contexto. A diversidade de visões de mundo no âmbito da ciência coincide com um processo de diversificação cultural que desde a década de 60 vem se efetivando, mas que tomou proporções ainda maiores com as revoluções tecnológicas do último período com o advento da internet. As teorias e as sociedades se transformam juntas e a diversidade teórica acabou por encontrar reforço na sociedade que se afirmava e na tecnologia que potencializava o multiculturalismo e a diversificação identitária.

A dispersão de múltiplas de identidades e a incapacidade de encontrar um conjunto de paradigmas unificantes estão em relação a esse contexto de desterritorialização na era da informática, da web e seu hibridismo de valores culturais. A complexificação atinge duplamente não só a teoria social como também seu objeto. A teoria social ao tentar alcançar esse novo objeto, as novas relações/formações sociais se torna assim como seu objeto, mais fluida. Se o pós-modernismo surge como uma reação a teoria moderna, seu hibridismo e pluralidade encontram ressonância na complexidade



do novo objeto social legado pelas Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação.

As novas relações sociais possibilitadas pelas novas mídias levam o multiculturalismo ao extremo ao desfazer as categorias de espaço/tempo fundamentais para a definição de um contexto social ou dos recortes clássicos sobre os objetos sociológicos, vivemos em contexto marcado pela heterogeneidade. Ressoar no real não retira dessa produção intelectual pós-moderna seu caráter dispersivo e a pouca possibilidade de acúmulo de conhecimento através das somas desses enxertos sobre recortes bem específicos, esse é um problema ainda em busca de resolução no âmbito das teorias sociais. Essa multiplicidade tem reforço no pluralismo identitário do próprio social do qual a ciência deve buscar se espelhar e da forma como as novas tecnologias da informação e da comunicação têm possibilitando arranjos sociais cada vez mais complexos, que demandam uma complexidade crescente das teorias sociais.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. 1: A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa, II**. Buenos Aires: Taurus, 1999.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. Tradução Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus, 2005.
- LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LYOTARD, François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008.
- MATTOS, Patrícia Castro. **A sociologia política do reconhecimento: as contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser**. São Paulo: Annablume, 2006.
- WIEVIORKA, Michel (org.). **Les Sciences Sociales en Mutation**. Paris: Editions Sciences Humaines, 2007.